



Jubileu 800 anos 1216-2016
Ordem dos Pregadores

Os Estudos na Ordem Dominicana

Frei Carlos Josaphat, OP

“In dulcedine societatis quarere veritatem” Em um texto de caráter polêmico, Santo Alberto definiu com essas palavras o seu ideal de vida dominicana, que poderíamos assim parafrasear: *Na suave harmonia de uma comunidade fraterna, procurar a verdade em um estudo constante* (1). O grande doutor exprimia, em pleno século XIII, uma experiência que São Domingos inaugurara, já havia uns cinquenta anos, e que a sua Ordem deveria prolongar através dos séculos. O caráter mais original dessa vida religiosa era a inserção do estudo como parte integrante de uma instituição essencialmente votada ao apostolado. Neste trabalho, pretendemos destacar essa primeira intenção criadora, que está na base da Ordem Dominicana e acompanhar em seguida as vicissitudes da vida intelectual nas diferentes etapas da História dos Pregadores e da Igreja. Gostaríamos de poder concluir realçando as constantes desse processo histórico.

In medio Ecclesiae

Se a família religiosa fundada por São Domingos se define, desde o século XIII, como *“Ordo veritatis”* (Ordem da Verdade) e se o estudo constitui um elemento integrante e indispensável na vida do Pregador, isto se deve antes de tudo ao fato de que a Ordem Dominicana nasceu para servir a Igreja. Ela surge como a institucionalização da preocupação que tem a Igreja de transmitir, conservar, defender e aprofundar a mensagem da Fé. Como quase sempre acontece com todo instituto religioso, mas de forma eminente, o aparecimento da Ordem Dominicana se deu *in medio Ecclesiae*: no coração da Igreja. Ela é a resposta do próprio corpo eclesial à interrogação dos Papas e dos Bispos, inquietos com a crise aguda da cristandade, que se estendera a todo o Ocidente mas não chegara ainda a integrar a filosofia e a cultura no interior da visão cristã do mundo e do homem. Uma Ordem religiosa, uma comunidade que tendesse à perfeição evangélica, mediante a consagração da inteligência e fizesse do estudo sua grande ascese, nascia, portanto, como uma aspiração e uma exigência da Igreja, plenamente e em boa hora compreendidas por um grande Santo.

São Domingos estava pessoalmente preparado para semelhante tarefa. Seu Evangelismo sempre se alimentou e se desenvolveu em comunhão com o organismo eclesial. Seu zelo apostólico e seu fervor religioso desabrocharam em contato com a vida universitária (2). Ele viveu este ideal do Pregador que estuda, do homem evangélico que se vê na obrigação de pensar a sua fé, de defendê-la diante daqueles que interrogam e contestam. A família religiosa que nasce da irradiação do carisma, que São Domingos recebera para difundir e defender o Evangelho, será como que espontaneamente uma comunidade que estuda e que diálogo com o meio universitário. Os primeiros dominicanos procurarão a Universidade para estudar e para ensinar. As controvérsias violentas, como costumavam ser as polêmicas medievais, mostram até a evidência o quanto o ideal dominicano, tornado comum aos Mendicantes, se apresentava como uma novidade em contraste com uma certa visão - tida por tradicional - da vida religiosa.

Esta originalidade (e daí virá a sua fecundidade perene), se inspirava no entanto em uma necessidade da Igreja Universal. Não se tratava de um capricho ou de uma opção pessoal. Nem mesmo de exigências particulares de um grupo, de uma casta ou de uma região. O confronto da fé e da cultura pedia uma Ordem votada ao estudo. Esta Ordem nasceu bem no coração da Igreja, sendo por ela aprovada em 1216.

Creemos que todas as características da Ordem Dominicana, particularmente a sua concepção e a sua prática dos estudos, derivam desta sua razão de ser essencial: surgiu na Igreja para pregar a Palavra de Deus, em um momento de plena maturação da inteligência e quando a Igreja devia fazer face ao fenômeno generalizado da heresia. A orientação posterior dos Estudos na Família Dominicana, suas posições doutrinárias, sua participação na Inquisição, seus momentos de grandeza e seus tributos às limitações decorrentes das mentalidades ou dos contextos sociológicos, em uma palavra, toda a sua vida intelectual é marcada por esta inspiração original: a fidelidade à Igreja, o empenho de compreender as virtualidades da Fé e de defendê-la, aceitando os desafios e os problemas provenientes do desenvolvimento da própria cultura.

Orientação inicial

A necessidade do estudo, não como uma obrigação de simples direito positivo mas como uma exigência vital, é, portanto, absolutamente essencial à Ordem dos Pregadores. Ela é asseverada desde a primeira hora pelo Fundador, e está constantemente lembrada por todos os textos constitucionais e por todas as autoridades através dos séculos (3). Supondo esta lei vital e esta inspiração primeira (que seria desnecessário expor e documentar), passamos a descrever as principais realizações e as modalidades típicas nas quais ela se concretiza através da história intelectual da Ordem.

Desde o início, sob o impulso de São Domingos, continuado pelos seus sucessores e pelos Capítulos Gerais, o estudo dominicano adquire uma feição técnica e um caráter sistemático. Uma primeira expressão dessa índole sistemática é o fato de os primeiros dominicanos se colocarem na escola de um mestre em Sagrada Escritura, afim de se habilitarem para a pregação do Evangelho (4). Em seguida, São Domingos mesmo providencia as primeiras fundações de sua Ordem em cidades universitárias. Cinco frades são enviados a Paris para estabelecer o famoso convento de Saint-Jacques, em 1217, um ano portanto, apenas após a aprovação da Ordem por Honório III. Ora, a finalidade desta fundação é explicada assim por um dos componentes da equipe, frei João de Espanha, quando depunha mais tarde no processo de canonização de São Domingos: Este enviara seus frades a Paris “*para aí estudarem, pregarem e estabelecerem um convento*” (5).

Em 1220 e em 1221, o Papa Honório III caracteriza os dominicanos de Paris como religiosos afeitos ao estudo da “*Sacra Página*”, da Sagrada Teologia (6). Igualmente, em Bolonha, vemos os primeiros dominicanos entregues ao estudo, pois foram mandados a esta cidade universitária em vista deste objetivo (7). Estes frades, então enviados a Universidades, não são simples estudantes, mas pregadores ativos. O fato é deveras significativo de uma concepção do estudo como parte integrante da vida dos religiosos já formados, e de uma visão do estudo em contato, diríamos em diálogo, com a grande instituição universitária. Não se trata apenas de uma leitura edificante da Bíblia, nem mesmo de meditação de tipo monástico, para alimento da piedade pessoal ou comunitária. É a pesquisa e a reflexão lá onde os problemas doutrinários da época se apresentam em toda a sua agudeza; o pregador estuda no ambiente em que se dá o encontro das disciplinas religiosas e profanas. Não se resguarda, sob as paredes do claustro, prepara-se para as lutas do espírito no próprio meio, aberto e agitado, onde confluem as diferentes tendências e correntes culturais.

Sem dúvida, formados nas universidades e desde cedo tendo nelas seus professores, os primeiros dominicanos poderão fazer dos próprios conventos outras tantas escolas, em que os frades se consagraram ao estudo de maneira constante e ordenada (8). Jamais a Ordem renunciou a esta idéia original de que o convento deve ter o seu responsável pelos estudos (lector) e deve ter o seu ritmo de cursos para o aprimoramento intelectual dos religiosos, sejam quais forem as modalidades de realização deste currículo escolar e sejam quais forem as vicissitudes históricas deste programa (9).

A orientação inicial do estudo dominicano aparece com estas características essenciais: ele é organizado, metódico, institucional, em contato com o meio universitário e aberto à problemática da atualidade.

Os primeiros passos

Desde o primeiro momento a Ordem de São Domingos tem consciência de sua missão doutrinal e de que o estudo é o meio insubstituível para a sua realização. O grande teólogo e Mestre Geral da Ordem, Cajetano, exprimirá uma convicção profundamente enraizada nos fatos históricos, ao declarar no Capítulo Geral de 1513: “*Que outros se alegrem com suas prerrogativas; quanto a nós, se não nos distinguirmos pela Sagrada Doutrina, nossa Ordem já não tem mais razão de ser*” (10). No entanto, este ideal bem preciso de estar a serviço do Evangelho e da Igreja, mediante um trabalho intelectual incansável, realiza-se com grande maleabilidade e não exclui penosas oscilações em momentos de crises culturais.

As primeiras décadas da história dominicana já nos fornecem alguns exemplos bastante significativos. Assim São Domingos exorta seus frades “*a estudarem constantemente o Novo e o Velho Testamento*” e a “*estarem sempre ocupados na leitura, na pregação e na oração*” (11). A Sagrada Escritura é o primeiro objeto, diríamos o manual ou a cartilha de base, para estes pregadores em constante atividade de reflexão sobre a Palavra de Deus. Aliás o primeiro trabalho, a que se entregam colegialmente os Dominicanos, é a correção do texto bíblico. Esta atividade de revisão da Vulgata Latina, prescrita pelo Capítulo Geral de 1236, se prosseguirá durante vinte anos. O Mestre e depois Cardeal Hugo de São Caro irá mais longe: empreenderá a revisão da Vulgata Jeronimiana, confrontando-a com os textos hebraico e grego. A iniciativa do mesmo Hugo de São Caro e a colaboração de muitos frades permitirão o estabelecimento de “*concordâncias bíblicas*”, labor paciente a que se consagraram os dominicanos de Saint- Jacques através dos séculos XIII e XIV, para a grande utilidade de professores e estudantes (12).

Numa perspectiva que chamaríamos hoje de “positiva” e “pastoral”, trabalhava com afinco S. Raimundo de Penhafort (eleito Mestre Geral em 1238). Por ordem do Papa Gregório IX, compilou as Decretales, e compôs, para auxílio dos confessores, uma Suma casuística ou *De Penitencia* (13).

Na primeira infância da Ordem Dominicana, esta orientação bíblica e positiva se alia a uma certa desconfiança para com as novidades filosóficas. As Constituições primitivas proíbem o estudo das obras pagãs e dos filósofos: “*In libris gentilium et philosophorum non studet etsi ad horam inspiciant*” (14). Note-se que na mesma época o Papa Honório IX traçava à Universidade de Paris, normas as mais rigorosas no sentido de uma fidelidade estrita à Tradição teológica, proibindo-lhe o estudo e o ensino de Aristóteles, bem como o recurso a um vocabulário teológico, diferente da linguagem bíblica (15). Estamos em 1228-1229. Ora, uma dúzia de anos após, Santo Alberto inicia o trabalho sistemático que Santo Tomás levará a cabo: interpretar, adaptar e retificar o “Filósofo”, fazendo de sua Metafísica e de sua Ética o instrumento conceitual para a elaboração teológica dos dados da Fé. A mesma fidelidade à Ortodoxia, que

inspirou a desconfiança e a proscricção de Aristóteles, levava á sua utilização cada vez mais firme e consciente. Mas antes de atingir esta maturidade, a jovem escola dominicana nos dá outro exemplo de profundo apego à Fé e de perfeita docilidade, mas igualmente de uma procura ainda vacilante no plano da ciência teológica. Em 1241, a Universidade de Paris condena uma série de erros, a começar pela negação da visão beatífica (16). Os Capítulos da Ordem Dominicana, em 1243 e 1244 prescrevem aos frades que apaguem dos seus “cadernos” tais doutrinas “perniciosas” e se abstenham de novidades (17). Tudo indica que alguns mestres dominicanos haviam ensinado a impossibilidade da visão imediata de Deus, levados por um empenho pouco seguro de integrarem em sua construção teológica alguns dados da tradição oriental recentemente introduzidos no Ocidente. Entre estes mestres se encontravam Hugo de São Caro e Gueric de St. Quentin. Este último se retratara humildemente de seu primeiro ensinamento, deixando-nos dois “quodlibets”, um anterior e outro posterior à condenação de 1241, o segundo sendo precisamente a refutação do primeiro. Inclino-nos a pensar que o mau passo da incipiente escola de St. Jacques impressionou o jovem Tomás de Aquino, que fazia seu noviciado e seus primeiros estudos no momento em que as autoridades da Ordem exigiam as retratações dos Mestres e as correções dos cadernos escolares. A insistência de S. Tomás sobre a possibilidade da visão beatífica, sobre o desejo “natural” de ver a Deus, encontra neste contexto histórico e cultural a sua primeira explicação (18).

Gênios e carismas

Nas três primeiras décadas de sua existência, a Ordem Dominicana irradia a agradável impressão de incansável labor intelectual, inspirado e sustentado por um forte amor. Há uma extraordinária variedade de iniciativas. Cultivam-se os talentos. Cria-se um ambiente de estudos, formam-se equipes e forjam-se instrumentos de trabalho. Esta rede de conventos, onde se reza, se estuda e se prega, está preparada para acolher a dupla dádiva suprema: os gênios e os carismas. Os dois grades Doutores, Santo Alberto e Santo Tomás, poderão empenhar-se, *in dulcedine societatis*, na tarefa a que foram destinados para o bem da Igreja: *quaerere veritatem* (19). Não entra na perspectiva deste estudo nem cabe em seus limites analisar a elaboração da Teologia, iniciada por S. Alberto e realizada por S. Tomás. Nesta reflexão sobre as instituições e a sua vitalidade, tentaremos salientar o papel da comunidade religiosa na preparação desta síntese e na sua difusão.

Como por instinto, estes dois santos procuraram a Ordem Dominicana, que lhes não acenava com o prestígio nem mesmo dos antigos mosteiros. Fascinava-os a audácia evangélica e o gosto do estudo. E isto lhes oferecia a Família de São Domingos. Também ela os reconheceu desde cedo, abrindo-lhes um crédito de confiança, que lhes permitisse uma releitura mais do que

ousada da Tradição e uma utilização plena de todo aquele material filosófico que as Constituições de 1228 haviam interditado como *“libri gentilium et philosophorum”* (20).

Conhecemos melhor a carreira de São Tomás. Que ela nos sirva de ponto de referência. Ele vem à Ordem como “jovem universitário”, atraído por certo Frei João de São Julião, professor em Nápoles por volta de 1240. A existência e a qualidade da equipe dominicana de Nápoles é decisiva para a vocação de S. Tomás. Neste ambiente de vida e pregação evangélica e de abertura ao Aristotelismo, o jovem universitário, como que experimenta por antecipação o que será sua nova existência. E desde que heroicamente consegue revestir-se do habito dominicano, viver para ele será tão somente *“quaerere veritatem”*: em um clima de profunda oração, estudar e ensinar. Ele será apenas um aluno e um mestre, que se desloca segundo as exigências dos programas escolares. Estuda em Paris e em Colônia de 1245 a 1252. Então Bacharel em Teologia, sob recomendação de seu Mestre Santo Alberto, passa a ensinar em Paris de 1252 a 1255. Precocemente Mestre em Teologia, continua a comentar a Sagrada Escritura, as “autoridades” tradicionais e Aristóteles, ao mesmo tempo que inaugura os caminhos da Teologia com as suas “Disputationes”, de 1259 a 1268. De novo em Paris: 1269-1272. Volta a Nápoles, onde começara sua vida universitária e dominicana; é o fim de sua carreira: 1272-1273.

Guilherme de Tocco nos transmite o impacto causado pela originalidade serena e audaciosa do jovem S. Tomás. Gostosamente se compraz o biógrafo na repetição das palavras “novo”, “nova”, “novidade”.: *“Em seu ensino suscitava novos problemas e encontrava método novo e claro de os resolver, aduzindo argumentos novos em suas soluções. Ouvindo-o assim ensinar coisas novas e com novas razões dirimir as dúvidas, ninguém poderia duvidar que Deus o tivesse iluminado com os esplendores de uma nova luz. Pois desde cedo possuía um julgamento tão seguro que não hesitava em ensinar e em escrever as novas doutrinas que Deus se dignara inspirar-lhe de maneira tão nova”* (21).

O fenômeno se repetirá sempre na história intelectual da Ordem e da Igreja: a fidelidade à Tradição em um Vitória, um Lagrange, um Chenu, dará a mesma impressão de renovação revolucionária. S. Tomás não apenas defenderá, contra os *“impugnantes”* e os *“retrahentes”*, o ideal dominicano de consagração ao estudo e ao ensino da Verdade divina, mas ainda como teólogo, exaltará este tipo de vida como sendo a mais perfeita expressão do Evangelho (22).

Organização dos estudos

Se a Ordem Dominicana manifesta uma extraordinária fecundidade de Mestres e escolas, se os talentos nela florescem e os gênios podem desabrochar e irradiar a Ciência Sagrada através dos séculos, é que desde o primeiro momento, a organização dos estudos constitui uma preocupação dominante para São Domingos, para seus sucessores e para as autoridades dos diferentes planos

de governo. Desde 1220-1221, sob o impulso do próprio Fundador, esboça-se uma legislação escolar absolutamente original. Ela fará parte das Constituições de 1228. E doravante, cada Capítulo geral se empenha em legislar sobre os estudos, que se desenvolvem com uma rapidez surpreendente, acompanhando o surto dos conventos.

No Capítulo de Valenciennes em 1259, temos um conjunto de prescrições: as famosas *“Ordenações dos cinco Mestres”*. Entre estes se encontravam S. Tomás de Aquino, Santo Alberto e o bem-aventurado Pedro de Tarantasia, o futuro Papa Inocêncio V (23). A presença dos grandes pioneiros da Teologia nestas assembléias deliberativas é da maior importância para fazer progredir as instituições, beneficiando com as luzes de seus gênios todo o conjunto da comunidade. É notável o caráter de realismo que predomina nessas determinações dos cinco *“Mestres”*. Reconhece-se a marca da experiência e da reflexão de homens afeitos ao ensino e conhecedores das falhas e fraquezas eventuais, de um sistema educativo. Retenhamos por exemplo, as determinações seguintes: é indispensável antes de tudo proporcionar a professores e alunos tempo e ambiente favorável aos estudos. Prescreve então o capítulo: *“que os Leitores (=Professores) não sejam ocupados em funções ou trabalhos que os impeçam de dar os seus cursos”* (nº 39). *“Que na hora dos cursos os frades não sejam ocupados na celebração de Missas ou coisas desse gênero, nem tenham de ir à cidade, salvo grande necessidade”* (nº 48) Note-se que nesse tempo os conventos tinham muitas obrigações de Missas de sufrágio ou outras intenções, o que acarretava certa tensão entre os Ofícios da Igreja e os deveres do estudo constante e do ministério da Palavra. *“Os priores, visitadores e Mestres dos estudantes hão de vigiar para que esses se apliquem constante e diligentemente aos trabalhos escolares”* (nº 52-54) (24).

Observe-se, já as Constituições primitivas, prescreviam se fornecessem celas ou quartos particulares àqueles que se consagram aos estudos, a fim de que seus trabalhos pessoais não sejam perturbados pelo movimento geral da casa (25). O Capítulo Geral de Lion, em 1274, confirma as prescrições de 1259 (26), insistindo sobre a necessidade de pô-las em prática. Percebe-se no tom e nas entrelinhas desses textos legislativos um tensão, que se perpetuará através dos séculos: entre as atividades dispersivas do apostolado e o necessário ambiente de recolhimento e concentração, condições indispensáveis para que os estudos sejam uma realidade, não apenas no tempo de formação, mas em todos os Conventos da Ordem. Os Capítulos Gerais voltarão constantemente ao tema da necessidade e da organização do estudo, realçando e ampliando o núcleo das diretivas estabelecidas pelos cinco Mestres. Lembramos particularmente, os Capítulos de 1305 e de 1405 (27).

Além do empenho de promover efetivamente um clima de estudos para os jovens em formação e para todos os religiosos merece especial relevo o cuidado constante em adaptar o conteúdo dos estudos às necessidades da Igreja e às exigências da missão apostólica da Ordem em cada época histórica. Já tivemos ocasião de observar que as constituições primitivas e os primeiros

Capítulos orientavam os estudos dos Pregadores para a Sagrada Escritura, para as disciplinas eclesiásticas, como o Direito Canônico e a administração dos sacramentos, sobretudo da Penitência. Anteriormente a Santo Alberto e a São Tomás, a discricão, diga-se mesmo a desconfiança, face à Filosofia e às novidades doutriniais, é bastante acentuada. A partir desses dois grandes doutores, que merecem a total confiança da Igreja e da Ordem, esta se vê dotada de uma síntese teológica, que não é imposta nos três primeiros séculos mas que é abraçada espontaneamente, pela maior parte dos Frades Pregadores. No fim do século XIII, particularmente por ocasião das condenações de algumas teses tomistas pelo bispo de Paris e pelo arcebispo de Catuária (28), a Ordem se vê na contingência de defender os escritos “do Venerável Pai Frei Tomás de Aquino” (Capítulo de Milão, em 1278). (29) Vários Capítulos Gerais inculcam o dever de seguir a doutrina de S. Tomás. Toda uma plêiade de Mestres dominicanos se empenham em seguir e aprofundar, com mais ou menos felicidade, as grandes linhas da síntese de S. Tomás, nos fins do século XIII e primeira metade do século XIV. São bem conhecidos os nomes dos primeiros “tomistas”: João Quidort, Hervé Nedélec, Hanibaldo de Hanibaldis, Tomás de Sutton.

A canonização de S. Tomás, em 1323, realçou, ainda mais, a sua autoridade, intensificando o movimento de unificação doutrinal da Ordem em torno da Teologia deste Mestre. No entanto, não se estabelece uma uniformidade absoluta. Correntes neo-platônicas encontram seguidores no meio dos dominicanos do século XIV. Entre eles, destaca-se Mestre Eckart, cuja mística teve tão grande repercussão na Alemanha. O nominalismo não deixou de fazer as suas infiltrações na Ordem dos Pregadores, a tal ponto que se pode reconhecer: no fim do século XIV, o tomismo conheceu antes um regresso do que um progresso no mundo cultural (30). No século XV, o tomismo consegue se impor, graças a grandes Mestres como Capreolus, em um clima polêmico de anti-nominalismo, anti-neoplatonismo e anti-escotismo.

Se é possível sintetizar as grandes linhas dessa evolução doutrinal, diríamos que, de uma parte S. Tomás conquista a sua Ordem e os meios universitários do século XIII ao século XV, em virtude do valor de sua síntese doutrinal, e após um confronto com as diferentes correntes que disputavam as preferências dos Mestres e Centros de Ensino. As autoridades da Ordem e mesmo da Igreja estavam longe de ficar indiferentes a esta influência crescente daquele que já se chamava, no século XIV, o “Doutor Comum” (31). Elas incentivavam este progresso do tomismo com aprovações e exortações e mesmo com intervenções mais eficazes, quando necessário.

Sistema escolar

Lembremos alguns dados susceptíveis de fornecer uma imagem concreta do sistema de formação dominicana desde o século XIII e sua evolução nos séculos seguintes. Depois das hesitações do começo vê-se no fim do século XIII que os estudos das “*artes liberales*” se generalizam. O jovem noviço deve aprender, se ainda não sabe, “*a gramática*”: o que equivale aos nossos clássicos; e iniciar-se durante três anos, em um *Studium Artium ou Logicale*. No começo do século XIV, esses *Studia* se multiplicam, mantidos por certo grupo de conventos: na Província de Tolosa por exemplo, três conventos sustentavam o *Studium*. Após esta formação nas “*artes liberales*”, onde predominava a Lógica, o estudante dominicano se consagrava, do mesmo modo, á Filosofia, em um *Studium Naturalium*. Aí o futuro Pregador assimila a Filosofia Natural, aprendendo os Tratados Cosmológicos, Psicológicos, Metafísicos de Aristóteles. É chegado então o momento dos estudos teológicos. Estes podem ser efetuados durante três anos na escola do próprio convento. Mas a Ordem dispõe, no século XIV de *Studia Bibliae et Sententiarum*, bem como de *Studia Moralis Philosophiae* para as ciências morais e políticas, segundo as grandes linhas da Ética Aristotélica. Para a formação dos Leitores, são constituídos os *Studia solemnia*, que correspondem ao que hoje são os *Studia Provincialia*. Acima destes, estão os *Studia Generália* ou Supremos, abertos aos estudantes de toda a Ordem. Eles são em número de cinco em 1248: Paris, Bolonha, Oxford, Montpellier e Colônia. No começo do século XIV, toma-se a decisão de multiplicar esses *Studia Generália*, na proporção de 15 para 18 províncias.

Desde o começo, surge o princípio da especialização pelo menos no que concerne às línguas (hebraico, árabe e grego). Com efeito, é conhecido o *Studium Arabicum* em Barcelona (a partir pelo menos de 1259). Os *Studia Linguarum* se multiplicam no século XIV. Eles visam proporcionar uma preparação adequada para os estudos bíblicos, bem como o apostolado entre árabes e judeus. Com esses últimos, é verdade, trata-se quase sempre de controvérsias e disputas bastantes veementes.

Este sistema escolar se amplia notavelmente no século XVI, sob a inspiração das controvérsias e mediante a integração da cultura humanística. Então, o sistema escolar dominicano é enriquecido com o ensino sistemático da “Controvérsia” da “Teologia positiva”, da “História Eclesiástica”, mas a sua estrutura básica continua a ser, depois do *Currículum Philosophicum*, o *Cursus Theológicus*, constituído em geral por um Comentário Magistral da Suma Teológica, e um *Cursus Biblicus*, leitura mais ou menos técnica da Sagrada Escritura (32).

Teólogos e Mundo Novo

O século XVI resplandece como uma época de renovação universitária. Após as crises que abalaram as instituições eclesásticas, atingindo o próprio papado e se entendendo aos organismos religiosos como a Ordem Dominicana, a Reforma católica se anuncia com a aparição ou o ressurgimento de centros importantes de estudos, de piedade e de expansão missionária. Do ponto de vista que aqui nos retém, verificamos um tal florescimento de estudos teológicos, particularmente na Ordem Dominicana, que se pode falar com razão de uma “segunda Escolástica” (33). O convento de Saint- Jacques em Paris se torna o centro de uma renovação que se irradia para além do território francês (34). O mesmo se passa na Itália onde brilham os grandes comentadores Cajetano e Silvestre de Ferrara. A Península Ibérica sobressai pelo número e pelo vigor de seus pensadores em meio deste renascimento filosófico e teológico.

Os Mestres da Escola Dominicana parecem caracterizar-se por duas grandes tendências. A primeira é uma fidelidade estrita a S. Tomás, a qual se torna quase uma ortodoxia sistematizada; forma-se uma “escola tomista” que cristaliza as suas posições polemizando com outras Escolas de Teologia Católica. Por vezes, o apego material a Santo Tomás, impede a percepção de certos fatos dogmáticos importantes, como o progresso do *sensus fidei* e a abertura crescente do magistério da Igreja em relação à Imaculada Conceição. Por outro lado, os debates teológicos em torno dos problemas da graça e da liberdade limitam os horizontes da reflexão teológica. Comentários predominantemente defensivos da síntese tomista, construídos na perspectiva anti-nominalista ou anti-escotista, compêndios elaborados no clima de controvérsias restritas conservavam sem dúvida uma preciosa herança doutrinal; mas igualmente marcavam a cristalização de posições e uma incapacidade de abertura aos problemas novos da cultura e da evangelização.

De fato, descobria-se então, o Novo Mundo. E a velha Europa podia descortinar intelectualmente um mundo novo. O mérito dos pensadores espanhóis foi precisamente de abrir-se a esses amplos e novos problemas, dando assim uma segunda característica ao tomismo do século XVI. Além da fidelidade à *Summa Theológica*, que eles comentam e ilustram, sabem imitar o santo Doutor por aquela audácia que Guilherme de Tocco exaltava: abordar as “questões novas”, com “novos argumentos” e uma “nova luz”. A Teologia caminha com o povo de Deus em marcha.

Como símbolo dessa atitude, citemos um nome entre todos simpático: Francisco de Vitória. Mestre Vitória é um homem-síntese. Ele é um discípulo de Saint-Jacques, aonde vem estudar e ensinar no momento da segunda renovação deste centro universitário (de 1510 a 1523). Aveso às polêmicas puramente escolares, formado como que na influência das correntes doutrinárias mais vastas na Europa de então, levou Vitória para Salamanca o gosto do estudo rigoroso, a sensibilidade de um humanismo compreensivo e a interrogação

ousada das questões ainda inéditas. Ele será como o Sócrates para uma escola tomista, onde sairá uma plêiade de teólogos de primeiro valor. Domingos de Soto, Melchior Cano, Martinho de Ledesma, Domingos Bañez, Tomás de Lemos, para citar apenas os maiores entre os grandes. Centenas de alunos, provavelmente mil, acorriam às aulas de Vitória. Segundo o testemunho de Melchior Cano, ninguém o igualava em capacidade e gosto de ensinar. Adota a Suma Theologica como texto para comentar. Dita a sua aula, dando a essa massa de estudantes o tempo de copiar-lhe os cursos quase 'ipsis litteris'. Mas, o Regente de Estudos de Salamanca nos interessa particularmente sob um aspecto: ainda hoje, a Teologia e a Filosofia Social não conseguiram explorar de maneira exaustiva e prolongar com a audácia conveniente as grandes intuições de Vitória no domínio do Direito Internacional. A doutrina de Vitória, particularmente sua maneira franca e corajosa de encarar a teologia missionária, que um Las Casas levará à execução com denodo e heroísmo, parecem simbolizar para nós a característica primeira da atitude dominicana: fidelidade inquebrantável, que sabe basear-se nos dados da Tradição, para equacionar os problemas da Igreja e do mundo de hoje.

Com a graça que lhe é peculiar, João de S. Tomás mereceria um destaque todo especial. Infelizmente a "Segunda Escolástica" não se prolongará de forma homogênea e duradoura.

A crise revolucionária abalará as instituições eclesiásticas no fim do século XVIII e no começo do século XIX. Ordens religiosas e instituições de ensino, como as Universidades católicas, serão desmanteladas pela Revolução Francesa e outros conflitos que a seguirão. Antes desta tempestade, discípulos de Santo Tomás, dos quais Biluart é o protótipo, terão enfeixado o tomismo em sínteses que os manuais divulgarão de uma forma tão clara quanto insípida. No momento da restauração da Escolástica, particularmente do Tomismo, sob o impulso de Leão XIII, a volta aos comentadores, o recurso aos compiladores e a utilização dos manuais apareciam como a atitude mais espontânea, quase a solução de facilidade. Repetir Santo Tomás, assimilar e traduzir inteligentemente as suas teses, não seria isso uma espécie de primeira etapa inevitável, em obediência ao "*ite ad Thomam*" (procurai Tomás)? Sem dúvida, a forma mais perfeita e única satisfatória é imitar S. Tomás, procurando antes de mais nada, possuir os tesouros da Tradição, todas as expressões da Escritura, agora conservadas na Igreja, para em seguida confrontar este dado com os problemas da humanidade atual.

Restauração e Renovação

A restauração da Ordem Dominicana na França, graças à iniciativa de Lacordaire, significou não um simples restabelecimento do que existia antes da revolução, mas uma volta às fontes. É visível o empenho de reviver a intenção primeira da obra de São Domingos, dentro de um fervor por vezes romântico e de uma sensibilidade não raro ingênua às aspirações e gostos de nosso tempo. Para os restauradores do século XIX, esta volta às fontes era tanto mais delicada quanto a Tradição dominicana era complexa, estendendo-se por vários séculos e compreendendo práticas e comportamentos por vezes heterogêneos.

Mas a grande inspiração era reencontrar uma Ordem apostólica, animada pelo espírito de oração e consagrada ao estudo. Este ideal revelou-se fecundo, apesar de equívocos acidentais, dolorosos desentendimentos, discussões sem fim sobre observâncias ou instituições (35). Muita coisa deve a geração atual adaptar, ajustar ou reajustar para que esta inspiração primeira se exprima de forma adequada em nossos dias. No tocante ao capítulo dos estudos e da vida intelectual destaquemos alguns fatos mais significativos neste movimento restaurador de Lacordaire.

Este deixou-nos dois documentos que testemunham sua atitude a respeito dos estudos e da missão intelectual da Ordem. O primeiro é a sua carta ao Mestre Geral, no momento em que a pequena equipe dos futuros restauradores conclui seu noviciado. Lacordaire pede então ao Mestre Geral a permissão para ir a Roma e aí se consagrar ao aprofundamento doutrinal, e ao aprimoramento teológico, a fim de ser dominicano *“não apenas de coração, mas igualmente de inteligência”*. Este texto merece ser lido, pois exprime bem o que *“o Abbé Lacordaire”* espera receber para ser um autêntico frade pregador. Depois de expor ao Mestre Geral *“o resultado de suas reflexões durante o noviciado”*, isto é, o reconhecimento da solidez da vocação dominicana do pequeno grupo, e após lembrar a urgência das tarefas apostólicas e *“o grande número de eclesiásticos e de leigos que solicitam sua admissão à nossa vocação”*, Lacordaire aborda o tema central de sua carta: *“Mas estas considerações deveriam ceder em nosso espírito à necessidade de sermos nós mesmos, completamente dominicanos antes de nos empenharmos em propagar e perpetuar a família por um novo nascimento. Ora, não nos basta, para sermos completamente dominicanos, conhecer e praticar a disciplina da Ordem. É necessário ainda que sejamos iniciados à ciência de que ela é depositária e que ela recebeu do Doutor mais perfeitamente realizado, que Deus deu à sua Igreja. A doutrina de S. Tomás de Aquino é a seiva que corre nas veias da Ordem e lhe conserva a poderosa originalidade. Quem não a estudou a fundo pode ser um dominicano pelo coração; não o será jamais pela inteligência. Eis porque, Reverendíssimo Pai, pedimos à Vossa Paternidade a graça de passar três anos em Roma, no centro da Ordem, para nos iniciarmos à sua tradição científica, ao mesmo tempo que acabamos de nos formar em seus costumes. Este sacrifício de tempo nos custa, por causa das almas que esperam por nós em França. Mas Deus nos comunicará a força de que temos necessidade para*

realizá-lo, e Ele derramará sobre aqueles que devem ser um dia nossos cooperadores, o espírito de perseverança sem o qual ninguém é apto para o Reino de Deus” (36).

O outro documento é o relatório apresentado por Lacordaire ao término de seu cargo de Provincial. Aí manifesta ele a visão, que tinha a jovem Província de França, da importância e da missão de S. Tomás: *“Nossos estudos, embora não tenham ainda alcançado todo o seu desenvolvimento, já venceram as primeiras dificuldades de uma escola que ressurgiu. S. Tomás é o astro que os ilumina, como sempre aconteceu, ensinado com convicção, mas sem essa idolatria supersticiosa que não permite nada enxergar fora dele, e que faria de sua letra um limite, ao passo que ela é um fogo vivificante” (37).*

Historiadores, como Walz, têm razão de notar que a “sabedoria tomista” se transmitiu sem solução de continuidade, através de algumas Províncias, que conservaram suas organizações e suas atividades intelectuais durante o século XVIII e XIX. Pode-se citar, por exemplo, alguns nomes entre os que influenciaram a renovação escolástica, esboçada sob o pontificado de Pio IX e plenamente desabrochada sob o impulso de Leão XIII. No entanto, a Filosofia e a Teologia, depois das sistematizações de Gaudin e de Billuart, não encontram qualquer expressão original, durante o século XVIII e a primeira metade do século XIX.

O pequeno grupo de Lacordaire dedica-se ao estudo de Santo Tomás com um fervor deveras tocante pela sua candura. Não podem contar com professores. O próprio Lacordaire lê com os companheiros o texto da Suma, fazendo comentários que arrancam admiração de todos. Inclina-mo-nos a pensar que semelhantes comentários talvez tivessem mais brilho do que rigor técnico. Por outro lado, vemos o encantamento de Lacordaire com A. Goudin, o “nosso Goudin” como ele diz. Sistematização clara e argumentação rigorosa são as qualidades e os perigos do bom manual.

A restauração aparece assim como uma “volta ao tomismo”, no sentido de uma leitura do texto da Suma e de um reencontro com as sínteses dos séculos XVII e XVIII. No fim do século XIX e começo do século XX, intensifica-se este retorno a S. Tomás, mas com um alargamento de perspectivas e uma melhor informação positiva. Lê-se S. Tomás, situando-o em seu contexto histórico doutrinal; através do confronto de suas obras, acompanha-se a elaboração de seu pensamento e se destacam as suas etapas mais importantes. Ao mesmo tempo, realiza-se um contato com os comentadores mais autorizados. Caietano e Silvestre de Ferrara. Os Comentários dos dois Mestres do século XVI serão inseridos na Edição Leonina da Suma Teológica e da Suma contra os Gentios. João de S. Tomás goza de muito particular estima entre os tomistas do século XX.

CONCLUSÕES

Ao término desta reflexão, procuramos sintetizar as grandes linhas e o que nos parece ser a orientação da vida intelectual dominicana através da História.

O grande princípio animador e orientador da vida dominicana é sem dúvida a vida em comum, diríamos uma vida de comunhão, na oração e no estudo, em vista do apostolado. Hoje, se considerarmos a evolução da Igreja, do século XIII aos nossos dias, pode-se dizer que o ideal do estudo em vista do apostolado se generalizou, penetrou na estrutura dos Institutos religiosos e nos costumes do clero diocesano. A característica da Ordem será aqui sobretudo uma questão de intensidade, de qualidade e de sistematização orgânica dos estudos. A primeira nota desta organização é a continuidade dos estudos na vida de cada pregador e na estrutura de cada convento. Em toda a história da Ordem, percebe-se esta insistência: todo convento é uma escola, e o dominicano formado há de sempre estudar e ensinar. Não se trata apenas de uma reflexão lúcida mas ocasional, sobre os problemas apostólicos; de algumas *'quaestiones disputatae'* em torno de um ou outro aspecto mais embaraçoso da Pastoral. Sejam quais forem as vicissitudes históricas, o convento dominicano terá que encontrar o seu estilo comunitário de reflexão e de pesquisa, dotado de uma certa qualidade técnica e capaz de servir à Igreja a breve e a longo alcance. Haverá e deve haver, na Ordem, conventos especializados para a formação de noviços e estudantes. Mas, a distinção entre conventos de estudo e conventos de ministério é mais do que um equívoco verbal. Toda casa dominicana, votada ao ministério é inexoravelmente consagrada ao estudo.

Uma segunda conclusão do exame, mesmo sumário, da história da vida intelectual dominicana é a procura duma fidelidade em profundidade à Igreja e de um empenho de ser útil a breve e a longo alcance. Daí a amplidão universal dos estudos, a tentativa constante dos pioneiros nas diferentes disciplinas positivas, sobretudo bíblicas, ao lado de uma reflexão filosófica e teológica, que procura prolongar os princípios e doutrina de S. Tomás. Nos dias de hoje, não faltam exemplos de grandes centros de pesquisa e reflexão. Tendo em vista particularmente a realidade brasileira e a etapa pós-conciliar, inclinamo-nos a pensar que um grande esforço deve ser feito no sentido da criação de instituições e instrumentos de cultura teológica no humilde desejo de imitar os pioneiros das épocas de renovação, a jovem escola dominicana de Saint-Jacques no século XIII e XVI, Vitória e a equipe de Salamanca, Lagrange e a Escola Bíblica de Jerusalém, Gardeil, Chenu e o Saulchoir, para citar exemplos apenas.

Destaquemos ainda uma terceira característica aparentada à precedente. Desde o início, São Domingos encaminha os seus filhos às Universidades; e em todas as fases de presença atuante da Ordem na Igreja e no Mundo, ela desenvolveu a sua organização de estudos em comunhão com a cultura

superior e com os meios universitários. Observamos que desde cedo, o estudo dominicano se diferencia do estudo monástico, não visando apenas a edificação espiritual mas pretendendo ser útil ao próximo e inserir-se no diálogo cultural. O entrosamento com as Universidades, sob as formas variadas, sugeridas pelas circunstâncias de tempo e lugar: eis o ideal estimulante para uma teologia viva. Esta não pode ter a pretensão de preservar-se das correntes atuais do pensamento e das manifestações modernas da cultura; ou querer estruturar-se fora dessas correntes, para em seguida voltar ao contato delas e iniciar o diálogo. Uma cosmologia, uma antropologia, uma filosofia da arte ou da técnica, elaboradas dentro da mentalidade pré-científica, a partir do senso comum e da experiência vulgar, constituirão um instrumento inadequado para uma teologia realmente presente e atuante na era tecnológica.

Em perfeita consonância com o Evangelho e com as melhores aspirações do nosso tempo, a Igreja manifesta hoje maior confiança na inteligência humana, exalta e pratica o diálogo, deseja e promove o contato nas culturas, estimula a pesquisa e a reflexão teológica, com grande largueza de vista e notável abertura de espírito. A Ordem Dominicana, que serviu a Igreja em tempos mais difíceis e em condições menos favoráveis, sentir-se-á plenamente à vontade nesta fase de renovação e de liberdade, para consagrar-se à sua missão: “*In dulcedine societatis quaerere veritatem*”.

NOTAS:

1) S. ALB. MAGNI, *Comment. In VIII lib. Polit. Aristotelis, Op. Omnia*, Ed. A> BORGNET, vol. 8, pp. 802-804. Trata-se de uma nota final explicativa, em que S. Alberto exprime sua indignação diante dos detratores. Semelhantes desabaços não são raros na pena de S. Alberto. Sua iniciativa de “tornar compreensíveis aos latinos as doutrinas aristotélicas” não era bem vista nem mesmo no interior da Ordem. “*Quidam qui nesciunt, omnibus modis volunt impugnare usum philosophiae et máxime in Praedicatoribus, ubi nullus eis resistit - tamquam bruta animalia blasphemantes in iis quae ignorant...*” In Epist. Dyon., Ed. Borgnet, t. 14, p. 910.

2) O tema é bastante comum nos historiadores da Ordem Dominicana; assim P. MANDONNET, *La crise scolaire au debut du XIIIe siècle et la fondation de l'Ordre des Frères-Prêcheurs*, em Ver. D'Hist. Eccl. XV (1914), pp. 34-49; retomado em *Saint-Dominique*, Desclée, Paris 1937, t. II, pp. 83-100. Boa síntese do caráter “universitário” da Ordem Dominicana em: V. D. CARRO, op. *Santo Domingo de Gusmão, Fundador de la primeira Ordem Universitária, Apostólica y Misionera*, em *La Ciência Tomista*, LXXI (1946), pp. 5-81; 282-329.

3) Pode-se encontrar este conjunto de orientações e sua aplicação na história primitiva da Ordem, em DOUAIS, pp., 1-51. O Pe. A. DUVAL, op. Publica ainda este ano um trabalho do maior interesse: “*L'étude dans la législation religieuse de S. Dominique*” em *melanges Chenu*, Ed. du Cerf, 1966.

4) O episódio é narrado por Thierry d'Apolda, *Libellus de vita et obitu et miraculis S. Dominici et de Ordine quem instituit*, n. 64, e comentado por FERRET, p. 8.

5) *Acta canonizationis S. Dominici*, n. 26; em MOPH, t. XVI, pp. 143-144.

6) *Chartularium*, I, 101.

7) Segundo Jacques de Vitry, citado por FERRET, p. 10, nota 4. Sobre o testemunho de J. de Vitry, ver P. MANDONNET, op. cit. na nota 2, t. I, pp. 231-247.

8) Cfr. DOUAIS, pp. 38 ss.

- 9) As atuais Constitutiones Fr. S. Ord. Praedicatorum prescrevem em seu número 275: “Nullus conventus constituatur seu inauguretur sine Priore, Lectore et Syndico propriis.” É um vestígio das Constituições primitivas que preceituavam “Conventus...sine Priore et Lectore non adittatur”. Este texto (Dist. II c. 23, & 1) remonta sem dúvida ao ano 1220; ver em M.-H. VICAIRE, *Saint Dominique de Caleruega, d’après les documents du XIIIe siècle*, Paris, 1955, p. 115 e 175.
- 10) Citado na Ratio Studiorum Fr. Ord. Praed., Roma 1965, p. 13.
- 11) Depoimentos de Fr. João de Espanha e de Fr. Rodolfo no proc. De canonização, nn. 29 e 32; MOPH, t. XVI, pp. 147 ss. 174 ss.
- 12) Condensação histórica desses fatos em WALZ, pp. 226 ss. Ver igualmente: C. SPICQ, op. Esquisse d’une histoire de l’exégèse latine ao Moyen Age, Bibliot. Thomiste, 26, Paris, 1944, pp. 167 ss.; 174 ss.
- 13) WALZ, p. 227
- 14) Const. Prim., Dist. II, c. 28, &1; segundo o Pe. Vicaire estas prescrições concernentes o Pe. Mestre dos Estudantes datariam de 1220; cfr. Op. Cit. na nota 9, p. 177.
- 15) GREGÓRIO IX, Carta “Ab Aegyptiis” aos Teólogos Parisienses, de 17 de Julho de 1228; Chartularium, I, n. 59, pp. 114-116. Parcialmente reproduzido em Denzinger-Rahner, *Ench. Symbolorum*, nn. 442-443.
- 16) Texto in Chartularium, I, n. 128, pp. 170 ss.
- 17) “Errores condemnatos per magistros Parisienses fratres omnes abradant de quaternis”. Cap. Gen. 1243, Chartularium, n. 130, p. 173; cfr. Cap. Gen. 1244, ibidem, nota.
- 18) Uma série de estudos vem sendo consagrada ao tema. Destacamos os seguintes, nos quais se podem encontrar as referências bibliográficas desejáveis: H.-F. DONDAINE, op.: *Hugues de S. Cher et la condamnation de 1241*, RSPT, XXXIII (1949), pp. 170-174; H.-F. DONDAINE, op. Et B.G.GUYOT, op.: *Guerric de Saint-Quentin et la condamnation de 1241*, RSPT, XLIV (1960), pp. 225-242; P.-M. de CONTENSON, op.: *La théologie de la vision de Dieu au debut du XIIIe siècle*, RSPT, XLVI (1962), pp. 409-444.
- 19) Cfr. nota 1.
- 20) Sobre o contexto histórico e o clima espiritual destes acontecimentos, particularmente da entrada de S. Tomás na Ordem dos Pregadores, ver P. MANDONNET, op. E.T., XXIX (1924), pp. 370 ss.; 375 ss. (“Qui a attiré Thomas dans l’Ordre des Prêcheurs?” “Pourquoi Saint Thomas est-il entré chez les Prêcheurs?”).
- 21) G. de TOCCO, Vida de S. Tomás, cap. 15 (traduzimos o texto Seg. a edição de PRUMMER).
- 22) Veja, por exemplo: S. Theol., II-II, 84, pp. 18 ss.
- 23) Texto em MOPH, t. III, pp. 99-101; ver igualmente *Chartularium*, n. 365, pp. 385 ss. notas.
- 24) Ver comentário destes textos em FERET, pp. 18 ss.
- 25) Segundo M.H. VICAIRE, op. “As dispensas” concedidas aos “Estudantes” no c. XIX, da dist. II das Constituições primitivas datariam já de 1220; cfr. *Saint Dominique...* (citado nota 9), p. 178
- 26) Ver MOPH, t. III, p. 174.
- 27) Em MOPH, t. IV, pp. 12-24; t. VIII, pp. 119-120. As cartas dos Mestres Gerais Sixto FABRI em 1587 (MOPH, t. X, pp. 265-267) e Antônio CLOCHE em 1687 (Arch. Ord. Praed. V, 2) retomam e comentam as orientações dos Caps. Que regeram a vida intelectual da Ordem nos primeiros séculos de sua existência. A *Ordinatio Studiorum* de A. CLOCHE terá importância decisiva; cfr. infra nota 42.
- 28) Cfr, *Chartularium*, I, 486; WALZ, p. @#).
- 29) MOPH, t. III, p. 109
- 30) Sobre a doutrina do Mestre Eckhart e sua comparação com o tomismo ver o estudo

profundo e matizado de V. LOSSKY, *Theologie negative et Connaissance de Dieu chez Maître Eckhart*, Vrin, Paris, 1960. Sobre o nominalismo que predomina nas Universidades nos séculos XIV e XV, consultar os diferentes estudos de Paul VIGNAUX: artigo *Nominalisme* no D.T.C., t. XI, col. 733 e ss.; *Nominalisme ao XIVe. siècle*, Paris, 1948. No começo do século XVI, o tomismo triunfa graças aos grandes Mestres que fazem da *Suma Teológica* o texto de base de suas aulas. Ver infra nota 33.

31) Sobre o título “Doutor Comum”, universalmente conferido a Santo Tomás no século XIV, ver J.J. BERTHIER, *S. Tomás Aquinas “Doctor Communis” Ecclesiae*, Roma, 1914.

32) Para esta visão de conjunto dos estudos dominicanos, inspiramo-nos principalmente em uma Nota ainda inédita de M.H. VICAIRE, op.

33) Cfr. C. GIACON, *La Seconda Scolástica*, Milão, 1950. P. CROKAERT, C. KOELLIN, A. BECCARI, CAJETANO e VITORIA introduzem quase simultaneamente a Suma Teológica nas Universidades de Paris, Colônia, Pádua e Salamanca. O Capítulo geral de Milão de 1505 apóia esta implantação tomista, obra dos grandes professores dominicanos. Cfr. Texto em MOPH, t. IX, p. 39.

34) O Padre M.-D. CHENU, io. Estuda a dupla renovação intelectual de que o Convento de St.-Jacques é o centro em: *Le Couvent de Saint-Jacques et les deux Renaissances di XIIIe. Et du XVIe. Siècles*, Cahiers Saint-Jacques n. 26. Parcialmente publicado em *L’Humanisme et la reforme du College de Saint-Jacques à Paris* - Arch. d’Hist. Dominicaine, Cerf, Paris, 1946, pp. 130-154.

35) Para uma visão de conjunto deste tema delicado, ver WALZ, &92, pp. 530 e ss.

36) Esta carta de Lacordaire ao Mestre Geral se encontra na *Correspondance du R.P. Lacordaire et de Madame Swetchine*, 9. Éd., Didier et Cie, Paris, 1880, pp. 215-217. Ela é datada de 4 de fevereiro de 1840.

37) O texto desse relatório é publicado integralmente pela primeira vez por A. DUVAL, op. Em *Archivum Fratrum Praedicatorum*, XXXI (1961) pp. 326-344; citação na página 335.

38) Cfr. WALZ, &112, pp. 613 e ss.

39) Veja-se o interessante apanhado histórico de A. GARDEIL, op.. *Soixante-Dix Ans d’Études et d’Exodes*, em *L’Anné Dominicaine*, 1910, pp. 58-85. Citamos a página 64 (nota).

Nota de Redação: Este texto de frei Carlos Josaphat Pinto de Oliveira foi publicado em VV.AA., Os Dominicanos, São Paulo 1981

© Todos os direitos reservados — Citar fonte: Dominicanos no Brasil — <http://www.dominicanos.org.br>